

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

A Enciclopédia das Provas e dos Milagres

As provas da profecia de Muhammad ﷺ e da veracidade do Alcorão

Milagres científicos · Testemunhos históricos e arqueológicos · Profecias cumpridas

Os anúncios da Torá e do Evangelho · O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto

Explicado para que uma criança acompanhe · 157 ilustrações coloridas

157 provas, ordenadas pela sua força



Sexta Parte

O milagre da língua e o desafio



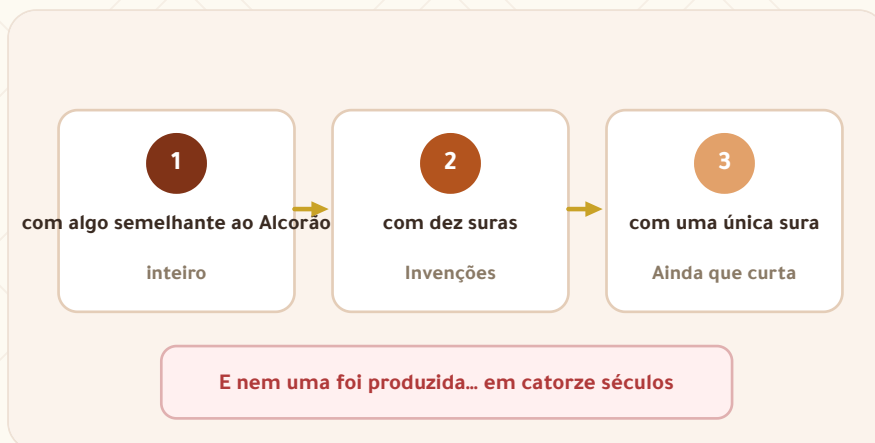
O maior milagre não está no céu nem na terra: está no próprio Livro.
Um desafio que há mil e quatrocentos anos permanece aberto e que
ninguém ousou recolher.

12 provas

Um desafio rebaixado três vezes — e jamais aceito

E se estais em dúvida quanto ao que fizemos descer sobre Nosso servo, produzi uma sura semelhante a ela e chamai vossas testemunhas além de Deus, se sois verídicos. ❖

Sura al-Baqarah — versículo 23



O desafio desce degrau por degrau até alcançar o mínimo possível

🔍 Em palavras simples

O Alcorão desafiou os árabes a produzir algo semelhante a ele. Quando falharam, baixou a exigência: dez suras. Quando falharam, baixou-a ainda mais: **uma única sura**, ainda que de três versículos curtos. E ninguém a produziu até hoje.

🕒 No que se acreditava então?

Os árabes eram **a nação da eloquência sem discussão**. A poesia era seu registro e seu orgulho; realizavam-se feiras para ela em Ukaz e Dhu al-Majaz, e as grandes odes eram penduradas na Caaba. Entre eles estavam Imru al-Qays, Zuhayr, Labid e Tarafah. E tinham todas as razões para derrubar este chamado pelo caminho mais fácil possível.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Passaram-se catorze séculos, e as pessoas tentaram, e nada se sustentou. Quem lê o que foi atribuído a Musaylimah, o Mentiroso, a Ibn al-Muqaffa e a outros o acha **objeto de zombaria mais do que um rival**. E o desafio continua de pé, e os meios hoje são imensamente maiores: academias de língua, universidades, dicionários digitais e computadores que analisam o estilo. E, no entanto, nenhum texto foi produzido do qual o povo da língua diga: este é o seu semelhante.

★ Por que este é um milagre decisivo?

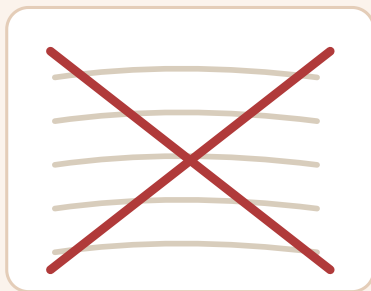
Duas coisas tornam este desafio único. A primeira, **a gradação descendente** — o oposto do que normalmente faz um desafiante. Quem se excede eleva a exigência para que ela permaneça fora de alcance; este a baixou até o mínimo possível: **uma única sura, ainda que a mais curta do Alcorão**. A segunda, que **lhes permitiu recrutar quem quisessem**: «e chamai vossas testemunhas além de Deus» — reuni-vos todos e convocai quem desejardes. Depois afirmou o resultado de antemão em outro versículo: «**Mas se não o fizerdes — e nunca o fareis**» — uma afirmação sobre o futuro que nenhum apostador ousaria fazer.

Tu não recitavas antes dele escritura alguma

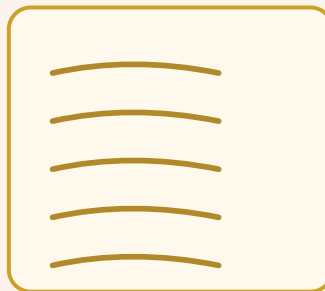
E tu não recitavas antes dele escritura alguma, nem a escrevias com tua mão direita; de outro modo, os falsificadores teriam tido motivo de dúvida.

Sura al-Ankabut — versículo 48

Se ele lesse e escrevesse, quem o desmente teria um argumento



Não lê nem escreve



O livro mais eloquente em língua árabe

Ser iletrado aqui não é um defeito... é a prova

Em palavras simples

O Profeta ﷺ **não sabia ler nem escrever**, e não estudou com ninguém. E o versículo menciona isso e dá a razão: se ele tivesse lido e escrito, **as pessoas teriam duvidado** e diriam que ele copiou de livros.

No que se acreditava então?

A escrita era rara em Meca e o analfabetismo era a norma. Havia, porém, pessoas em Meca que liam e escreviam, e na península havia judeus e cristãos com livros e sábios. Assim, se o Profeta ﷺ fosse leitor e escritor, a acusação estaria pronta e não haveria resposta para ela.

O que diz a ciência hoje?

O analfabetismo do Profeta ﷺ está entre os fatos históricos mais firmemente estabelecidos de sua biografia, e seus adversários em seu próprio tempo não o contestaram — e eram as pessoas mais ansiosas por achar um defeito. **Acusaram-no de tudo menos disso**: disseram poeta, mago, adivinho e louco, e disseram «é apenas um homem que o ensina» — e o Alcorão respondeu: «A língua daquele a quem aludem é estrangeira, e esta é língua árabe clara.» Isto é, o homem para quem apontavam nem sequer falava bem o árabe.

Por que este é um milagre decisivo?

Aqui o Alcorão **apresenta o argumento que poderia ser feito contra ele e depois o refuta**. Esse é um método que só um interlocutor confiante adota. O versículo diz: o assombroso não é que este livro seja grandioso, mas que tenha vindo pela língua de **quem não lê nem escreve**. E elevou ainda mais a aposta: o texto contém os relatos das nações anteriores e detalhes históricos precisos, legislação completa sobre herança, julgamento e guerra, e descrições de assuntos cósmicos ainda não conhecidos. Tudo isso de um homem que não podia ler uma única linha. E esse é o sentido de «**de outro modo, os falsificadores teriam tido motivo de dúvida**» — seu ser iletrado é o que fechou a porta à dúvida.

Vinte e três anos — sem uma única contradição

Não refletem, então, sobre o Alcorão? Se fosse de outro que não Deus, nele encontrariam muita contradição.

Sura an-Nisa — versículo 82

Revelação aos pedaços, conforme os acontecimentos, não uma obra escrita de uma vez

Meca

23 anos

Medina

Na guerra e na paz · na pobreza e na riqueza · na fraqueza e na força
Na alegria e na tristeza, na migração e no cerco... e sem uma letra de contradição

Um livro não escrito de uma vez, jamais revisto e jamais corrigido

🔍 Em palavras simples

O Alcorão desceu **em partes ao longo de vinte e três anos**, um versículo e outros versículos conforme os acontecimentos exigiam — na guerra e na paz, na dificuldade e na folga. E, no entanto, não se encontra nele contradição, nem mudança de método, nem retratação de algo antes dito.

⌘ No que se acreditava então?

Os livros são compostos de uma vez e depois revistos e corrigidos antes da publicação, de modo que suas contradições são removidas. O Alcorão, ao contrário, era recitado às pessoas **assim que descia**; elas o memorizavam e o escreviam, e não havia então como emendar o que já passara. E tudo o que foi revelado em Meca esteve nas mãos de seus adversários anos antes da Hégira.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

Qualquer um pode testar isso por si mesmo hoje: que escreva um texto em partes ao longo de vinte anos, tratando de credo, lei, história, ética, cosmos e alma, e depois o faça rever ao final sem que nele se ache contradição. Pesquisadores — muçulmanos e não muçulmanos — vasculharam o Alcorão por catorze séculos em busca de uma contradição, e livros inteiros foram escritos sobre «as passagens difíceis do Alcorão» e «a interpretação dos versículos divergentes», e todos concluíram que o que parece divergir é **uma diferença de variedade, não de oposição**.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O versículo aqui oferece **um critério científico e aplicável**, não uma alegação. Diz: se fosse humano, **nele encontraríamos muita contradição**. E isso é logicamente sólido: um texto que se estende por vinte anos em circunstâncias mutáveis deve carregar a marca do estado mutável de seu autor. E o mais notável é que o tom não mudou com as circunstâncias: os versículos do perdão e da misericórdia desceram **depois da vitória**, e não antes dela, e os versículos da firmeza e da promessa desceram **na derrota e no cerco**. Se o texto fosse um reflexo da condição de seu autor, seria de esperar o contrário.

O testemunho de al-Walid ibn al-Mughirah

Por Deus, tem uma doçura e sobre ele há uma beleza; sua parte inferior é abundante e sua parte superior dá fruto; e nenhum ser humano diz isto.

Narrado por al-Hakim e al-Bayhaqi nos Dala'il — famoso nos livros de biografia

Dito pelo mais sensato dos homens dos coraixitas e o mais hostil deles

«Tem uma doçura... e sobre ele há uma beleza»

«Sua parte inferior é abundante, e sua parte superior dá fruto»

«E nenhum ser humano diz isto»

Depois voltou atrás e disse: «Isto não é senão magia transmitida»

Reconheceu a verdade... e depois escolheu um veredito que agradasse a seu povo

Em palavras simples

Al-Walid ibn al-Mughirah estava entre os mais argutos dos coraixitas e o mais entendido em discurso, e entre os mais ferozes inimigos do chamado. Quando ouviu o Alcorão, descreveu-o nos termos mais belos e disse: «**Nenhum ser humano diz isto.**» Depois seu povo o pressionou e ele disse: «Isto não é senão magia transmitida.»

No que se acreditava então?

Os coraixitas buscavam uma única palavra a dizer aos peregrinos sobre Muhammad ﷺ antes da temporada, e por isso se reuniram em torno de al-Walid, por ser o mais sensato deles e o mais douto em poesia e eloquência. Propuseram-lhe: um adivinho? um louco? um poeta? um mago? — e ele **rejeitou cada uma dessas hipóteses** com argumentos tirados do próprio ofício do discurso.

O que diz a ciência hoje?

A história é famosa nos livros de biografia e de exegese, e o que foi revelado a seu respeito está na Sura al-Muddaththir: «**Por certo, ele pensou e ponderou. Maldito seja, como ponderou. Depois, maldito seja, como ponderou. Depois considerou. Depois franziu o cenho e carregou o semblante. Depois deu as costas e se ensoberbecu, e disse: Isto não é senão magia transmitida.**» Os versículos descrevem seu estado psicológico com precisão: pensar, depois ponderar, depois considerar, depois franzir o cenho, depois afastar-se com arrogância, depois o veredito com que satisfez seu povo. E seus argumentos rejeitando a adivinhação e a poesia são transmitidos dele em detalhe.

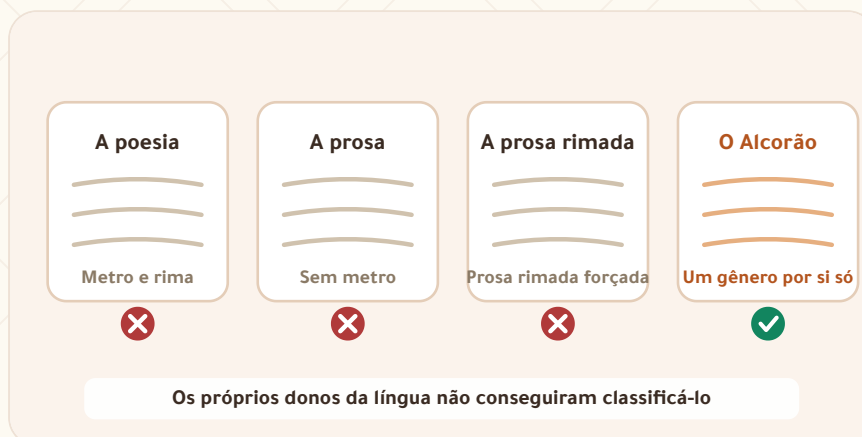
Por que este é um milagre decisivo?

O testemunho de um adversário é o mais forte dos testemunhos, sobretudo quando ele é **um perito no campo sobre o qual testemunha**. Al-Walid era um árbitro de poesia a quem se submetiam as odes. E ele traçou uma distinção técnica precisa entre o Alcorão e tudo o que exteriormente se lhe assemelhava: disse da poesia, «conheço toda a poesia... e isto não é poesia», e da adivinhação, «isto não é o murmúrio de um adivinho nem sua prosa rimada». Depois descreveu sua estrutura: «**sua parte inferior é abundante e sua parte superior dá fruto**» — sua superfície é bela e sua profundidade é rica de sentido. Essa é a descrição técnica de um especialista hostil, e não o elogio de um admirador. E sua retratação **sob a pressão de seu povo** — registrada no próprio Alcorão — revela que a negação foi uma postura social, e não uma convicção intelectual.

Nem poesia, nem prosa, nem a prosa rimada dos adivinhos

E não é a palavra de um poeta — pouco credes. Nem a palavra de um adivinho — pouco vos lembraís.

Sura al-Haqqah — versículos 41-42



Um texto que não se encaixa em nenhum dos moldes conhecidos do árabe

Em palavras simples

O árabe tinha três formas de discurso elevado: a **poesia** com seus metros, a **prosa** livre, e a **prosa rimada dos adivinhos**. E o Alcorão não é nenhuma delas — é um gênero que se sustenta por si só.

No que se acreditava então?

Os árabes eram o povo mais entendido da terra nos metros, nas medidas e nas rimas da poesia, detectando por instinto um verso quebrado. Conheciam a prosa rimada dos adivinhos e zombavam de seu artifício. E, no entanto, **seu veredito sobre o Alcorão oscilou violentamente**: disseram poesia, depois magia, depois adivinhação, depois lendas dos antigos — cada opinião anulando a anterior.

O que diz a ciência hoje?

O Alcorão difere da poesia porque **não segue metro nem rima fixa**; difere da prosa porque tem **um ritmo interno e cadências regulares**; e difere da prosa rimada porque na rima dos adivinhos **a palavra é forçada em nome da cadência**, ao passo que no Alcorão as cadências seguem o sentido em vez de governá-lo. Este é um tema estabelecido tanto nos estudos linguísticos árabes quanto na erudição orientalista. O orientalista Arberry disse que seu ritmo não tem paralelo nas línguas que conhecia.

Por que este é um milagre decisivo?

A oscilação dos adversários na classificação é a prova. Quando os peritos de um ofício são incapazes de colocar um texto sob qualquer categoria de seu próprio ofício, e seu veredito sobre ele se contradiz de uma reunião para a outra, isso é sinal de que ele está fora do gênero que conhecem. E o Alcorão registrou essa mesma oscilação contra eles: «**Olha como traçam comparações para ti, e assim se extraviaram.**» Depois os desafiou pelo padrão que dominavam: não pela espada nem pela riqueza, mas **pelo próprio ofício em que superavam todos os outros povos da terra**. E quem forja um livro não aposta em desafiar seus adversários no campo em que eles são supremos.

Um livro que repreende aquele que o trouxe

*Franziu o cenho e deu as costas, porque lhe veio o cego. Mas o que te faria saber?
Talvez ele se purificasse.*

Sura Abasa — versículos 1-3

Versículos com repreensão explícita ao Profeta ﷺ

«Franziu o cenho e deu as costas» · «Que Deus te perdoe: por que lhes deste permissão?»

«Não cabe a um profeta ter cativos» · «E ocultavas em ti mesmo»

Depois são recitados às pessoas em voz alta na oração

E são memorizados e escritos e jamais apagados

Quem forja um livro não põe nele a censura de si mesmo

🔍 Em palavras simples

No Alcorão há versículos que **repreendem o próprio Profeta ﷺ** e corrigem uma posição que ele tomou. Esses versículos são recitados em voz alta às pessoas na oração, memorizados por jovens e velhos, e nunca foram removidos nem suavizados.

⚖️ No que se acreditava então?

Quem reivindica a profecia precisa de **uma imagem completa e sem defeito**, e seus inimigos espreitam qualquer deslize. Assim, que desça um texto repreendendo-o e declarando equivocado seu juízo, e que depois seja recitado na mesquita diante de todos, contraria todo cálculo político e psicológico.

🌀 O que diz a ciência hoje?

Os exemplos são muitos e explícitos: **toda a Sura Abasa**, repreendendo-o por ter-se desviado de um cego para os chefes dos coraixitas; «**Que Deus te perdoe; por que lhes deste permissão?**», por ter permitido aos que ficaram para trás em Tabuk; «**Não cabe a um profeta ter cativos até que tenha imposto um combate decisivo na terra**», sobre os cativos de Badr; «**E ocultavas em ti o que Deus iria revelar, e temias as pessoas, enquanto Deus tem mais direito a que O temas**»; e «**Por que proíbes o que Deus te tornou lícito?**» E Aisha, que Deus a agrade, disse: se o Profeta ﷺ tivesse ocultado algo da revelação, teria ocultado este versículo.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Este é um dos mais fortes argumentos racionais desta seção, e é o que os historiadores chamam **critério do constrangimento**: um texto que prejudica o interesse de quem o transmite está mais perto da verdade. E note que a repreensão não recaiu sobre assuntos marginais, mas sobre **grandes decisões políticas e militares**: o tratamento dos prisioneiros, a permissão dada aos hipócritas, e uma situação pessoal dentro de sua própria casa. Acrescente a isso outro detalhe: o Alcorão **respondeu a algumas perguntas e não a outras**, e de fato a revelação foi retida do Profeta ﷺ por dias durante o caso da calúnia, enquanto sua própria esposa estava sob acusação, até que as pessoas dissessem o que dissessem. Se a questão estivesse em suas mãos, não teria sido adiada um único dia.

Sua própria fala nunca se parece com o Alcorão

Nem fala por inclinação própria. Não é senão uma revelação revelada.

Sura an-Najm — versículos 3-4

O Alcorão



Ritmo, cadências e uma construção própria e eloquência de um humano eloquente... sem aquela const

O nobre hadith



Um só homem... e dois estilos que ninguém confunde

A análise estilística distingue os dois sem dificuldade

Em palavras simples

O Profeta ﷺ era o mais eloquente dos árabes, e seus ditos estão no cume da eloquência. E, no entanto, **sua fala nunca foi confundida com o Alcorão por ninguém** — os dois estilos diferem claramente, e nem uma só vez um hadith foi por engano atribuído ao Alcorão.

No que se acreditava então?

Se o Alcorão fosse de sua própria composição ﷺ, seu estilo seria um só em toda a sua fala — pois a pessoa carrega uma impressão digital estilística de que não consegue escapar, sobretudo ao longo de vinte anos. E seus companheiros ouviam os dois diariamente, e nem por um instante os confundiram.

O que diz a ciência hoje?

A **estilometria** é hoje uma ciência estabelecida, que atribui um texto a seu autor medindo a distribuição das palavras, o comprimento das frases e os padrões estruturais. Foi aplicada ao Alcorão e ao hadith, e sua diferença é evidente. A diferença estrutural mais clara: o Alcorão repousa sobre **cadências regulares**, sobre mudanças de interlocutor e sobre o movimento entre os pronomes, e o hadith não segue essa construção. E ainda, o Alcorão **dirige-se ao próprio Profeta ﷺ com ordem, proibição e repreensão** e lhe instrui «Dize» — mais de trezentas vezes.

Por que este é um milagre decisivo?

Acrescente a isto uma terceira categoria: **o hadith sagrado** — o que o Profeta ﷺ relata de seu Senhor quanto ao sentido, e que mesmo assim **não é contado como Alcorão e não é recitado na oração**. Temos assim três níveis de fala proferidos por um só homem, nitidamente distintos em norma e em tratamento: o Alcorão é adorado por meio de sua recitação, é o objeto do desafio, e é transmitido por narração massiva letra por letra; o hadith sagrado é atribuído a Deus em seu sentido e narrado nas palavras do próprio Profeta ﷺ, e o hadith profético é sua própria fala. Essa **distinção tripla e precisa** vigora desde o primeiro dia e jamais se embaçou. Se tudo viesse de uma só fonte humana, essa separação não poderia ter sido mantida por vinte anos.

E há para vós, na retribuição, vida

E há para vós, na retribuição legal, vida, ó dotados de entendimento, para que vos torneis piedosos.

Sura al-Baqarah — versículo 179

O mais eloquente que os árabes disseram

«Matar é o que mais evita o matar»

14 letras

E o Alcorão disse

«E há para vós, na retribuição, vida»

Menos letras... e muito mais sentido

Nele há vida, e não apenas a negação de um matar · e nomeou o fim, não o meio
E o qualificou com a retribuição justa, não o matar sem mais

Um exemplo entre centenas estudados pelos estudiosos da retórica

Em palavras simples

O mais eloquente de que os árabes se orgulhavam neste assunto era seu dito: «**Matar é o que mais evita o matar.**» Então veio o Alcorão com uma frase de **menos letras e sentido muito mais rico**: «E há para vós, na retribuição, vida.»

No que se acreditava então?

«Matar é o que mais evita o matar» era tido como o cume da concisão entre os árabes e citado como provérbio. Competiam em comprimir grandes sentidos em poucas palavras, e tinham isso como o mais alto grau da eloquência.

O que diz a ciência hoje?

Os estudiosos da retórica analisaram a diferença entre as duas e encontraram sete pontos e mais. Entre os mais claros: que o Alcorão mencionou **a vida**, o objetivo amado, enquanto o provérbio mencionou o matar, que é odiado; que o qualificou com «**retribuição legal**», isto é, um matar justo e lícito, enquanto o provérbio deixou o matar sem qualificação, de modo que incluía a injustiça; que afirmou **uma vida contínua para toda a sociedade** em vez da mera negação de um caso isolado; que evitou repetir duas vezes a palavra «matar»; e que fechou com o propósito moral: «para que vos torneis piedosos». Tudo isso em menos letras.

Por que este é um milagre decisivo?

O que importa aqui não é este único exemplo, mas **o fato de não ser uma exceção**. Toda a ciência retórica árabe — o sentido, a exposição e o ornamento — surgiu em primeiro lugar da tentativa de explicar a inimitabilidade deste texto, e centenas de livros foram escritos nela, desde *A Inimitabilidade do Alcorão*, de al-Baqillani, até *Os Sinais da Inimitabilidade* e *Os Segredos da Retórica*, de Abd al-Qahir al-Jurjani. Isto é, **uma ciência humana inteira surgiu para analisar um só livro** — e não há paralelo disso na história de nenhuma língua da terra. E até hoje os pesquisadores ainda extraem dele o que os anteriores não extraíram.

Foi-me dada a fala abrangente

Fui enviado com a fala abrangente.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



«A religião é o conselho sincero»



«Não haja dano nem retribuição de dano»



«As ações valem pelas intenções»

«O muçulmano é aquele de cuja língua e de cuja mão os muçulmanos estão a salvo»

Umhas poucas palavras... sobre as quais se edificaram capítulos inteiros da jurisprudência

Regras universais que ordenam milhares de casos

Em palavras simples

Entre as qualidades distintivas do Profeta ﷺ estava dizer **poucas palavras que carregam muito sentido**. Capítulos inteiros de jurisprudência e de direito foram construídos sobre hadiths de poucas palavras.

No que se acreditava então?

A sabedoria breve é conhecida entre todas as nações: os provérbios dos árabes, as máximas da Índia, os conselhos dos gregos. Mas essas são **exortações morais gerais**, e não regras sobre as quais se constrói um sistema jurídico integrado. E a diferença entre uma máxima e um princípio jurídico é fundamental.

O que diz a ciência hoje?

Tome um exemplo: **«Não haja dano nem retribuição de dano»** — quatro palavras em árabe. Sobre ele construiu-se um ramo inteiro da jurisprudência islâmica, abrangendo as relações de vizinhança, a construção, o divórcio, a venda, a preferência, a usuração, a propriedade e a limitação dos direitos do proprietário. Tornou-se uma das **cinco grandes máximas** sobre as quais giram todas as escolas jurídicas. E como ela é «As ações valem pelas intenções», que os imames contaram como um terço de todo o conhecimento, e da qual ash-Shafi'i disse que entra em setenta capítulos da jurisprudência.

Por que este é um milagre decisivo?

A capacidade de formular **uma regra universal que seja abrangente e exclusiva ao mesmo tempo** é muito mais difícil do que escrever um texto longo. A regra deve abarcar tudo o que cai sob ela e excluir tudo o que não cai, e deve resistir a casos que jamais ocorreram a seu autor. É nisso que os legisladores se esforçam hoje, produzindo textos em volumes que depois são emendados todos os anos. Que um texto de quatro palavras se sustente por catorze séculos e abarque situações que nem sequer existiam — a poluição industrial, o dano digital — é algo que merece uma pausa. E note que o próprio hadith atribui isso a um dom e não a uma aquisição: **«Fui enviado com a fala abrangente.»**

Um livro nos peitos de milhões

Antes, são versículos evidentes nos peitos dos que receberam o conhecimento.

Sura al-Ankabut — versículo 49

O livro mais memorizado de cor na história humana



Milhões que o memorizaram, em cada continente e em cada geração

Uma cópia viva em cada peito — não pode ser queimada nem alterada

Em palavras simples

O Alcorão não foi preservado apenas em livros — mas **nos peitos das pessoas**. E por catorze séculos foi memorizado em cada geração por milhões de seres humanos, entre eles crianças que não falam árabe algum.

No que se acreditava então?

Os livros antigos eram guardados em um punhado de cópias mantidas por sacerdotes e sábios. Se a biblioteca ardia ou a cópia se perdia, o livro se perdia — o que aconteceu a muitos livros hoje conhecidos apenas por seus títulos. E o analfabetismo era um obstáculo à difusão de qualquer texto.

O que diz a ciência hoje?

O número dos que memorizaram o Alcorão hoje é estimado em milhões, na Indonésia, na Nigéria, na Turquia, no Paquistão, nas terras árabes, na Europa e na América. Realizam-se competições internacionais em que disputam recitando-o letra por letra com a vocalização e a entoação corretas. E **a maioria deles não é árabe** — isto é, memorizam um texto numa língua que não é sua língua materna. Não se conhece nenhum outro livro na história humana que tenha sido memorizado em tais números e com tal precisão.

Por que este é um milagre decisivo?

O efeito disso sobre **a impossibilidade da alteração** é onde reside o significado. Um texto preservado apenas em livros pode ser mudado controlando-se as cópias. Mas um texto memorizado por milhões de pessoas em continentes distantes, sem vínculo a uma única autoridade, a uma única língua ou a um único Estado, e recitado na oração cinco vezes ao dia — mudar-lhe uma só letra é **praticamente impossível**, porque seria exposto na primeira oração em congregação. E é exatamente isso o que o versículo indica: «versículos evidentes **nos peitos**» — e não «nos pergaminhos». É a realização prática de «Por certo, fomos Nós que fizemos descer a Lembrança, e por certo somos dela os guardiões», por um mecanismo humano aberto à observação e à contagem.

Cada versículo se fecha com o que lhe convém

E Deus é Poderoso e Sábio. E Deus é Perdoador e Misericordioso. E Deus é Ouvinte e Sapiente.

Fechos espalhados por todo o Alcorão

Troque-se um fecho por outro e o sentido se rompe

Contexto de castigo e de poder

«Poderoso e Sábio»



Contexto de arrependimento e de perdão

«Perdoador e Misericordioso»



Contexto de súplica e de queixa

«Ouvinte e Sapiente»



Mais de seis mil versículos... e cada fecho em seu lugar

Uma harmonia precisa entre o conteúdo de um versículo e o nome de Deus que o encerra

Em palavras simples

A maioria dos versículos do Alcorão se fecha com dois dos belos nomes de Deus. E o notável é que **cada fecho convém precisamente ao tema de seu versículo** — troque um fecho por outro e sentirás de imediato que algo saiu errado.

No que se acreditava então?

A poesia árabe mantém uma única rima ao longo de uma ode, e muitas vezes **a palavra é forçada em nome dela** até que o verso se encha de uma palavra de que não precisa. Esse é um defeito que os críticos reconhecem. E a prosa rimada dos adivinhos era ainda mais forçada. Assim, seria de esperar esse forçamento em qualquer texto de cadências regulares.

O que diz a ciência hoje?

No Alcorão é exatamente o inverso: **a cadência segue o sentido em vez de governá-lo**. Um versículo de castigo e retribuição se fecha com «Poderoso, Senhor da Retribuição»; um versículo de arrependimento com «Perdoador e Misericordioso»; um versículo de súplica com «Ouvinte e Sapiente» — porque quem suplica precisa ser ouvido e ter sua condição conhecida. O exemplo mais famoso dessa precisão: o versículo do furto se fecha com «**Poderoso e Sábio**» — poder na execução da pena e sabedoria em legisla-la; e quando o versículo do arrependimento o segue, fecha-se com «**Perdoador e Misericordioso**». Livros inteiros foram escritos sobre isso sob o nome de «a ciência das cadências».

Por que este é um milagre decisivo?

Experimente você mesmo: tome qualquer texto rimado longo em qualquer língua e verifique se cada rima convém precisamente ao conteúdo de sua frase. Certamente encontrarás lugares encheidos em nome do metro ou da rima — e isso é natural na obra humana. O Alcorão tem mais de seis mil versículos, a maioria terminando numa cadência, revelados **em partes ao longo de vinte e três anos**, sem rascunho e sem revisão. Que essa harmonia se mantenha por esse número e dado esse modo de revelação não se explica por habilidade linguística, por maior que seja.

E agora — o que farás com tudo isto?

Mostrar-lhes-emos Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que lhes fique claro que isto é a verdade. Não basta que teu Senhor seja Testemunha de todas as coisas?

Sura Fussilat — versículo 53



Muitos fios independentes... todos apontando numa só direção

A probabilidade de se reunirem por acaso é próxima de zero

Não se lhe pede que se submeta a uma única prova... mas que as olhe todas juntas

♀ Em palavras simples

Você chegou ao fim do livro. Cada prova que passou diante de você pode ser discutida por si mesma. Mas a pergunta real é: **qual é a probabilidade de que todas elas se reúnam por acaso num só homem?**

⌘ No que se acreditava então?

Toda nação na história teve algo que exaltava. Mas a pergunta que as separa é: tinha algo que **pudesse ser testado e falsificado**? As lendas não oferecem uma profecia delimitada por uma data, nem uma descrição cósmica que contradiga a ciência de sua própria época, nem um desafio aberto que se sustente por catorze séculos.

⚙ O que diz a ciência hoje?

O que aqui leste são cinco fios inteiramente independentes, nenhum deles dependendo dos outros: **uma descrição cósmica** que contradizia a ciência de sua época e foi depois confirmada pela ciência séculos mais tarde; **testemunhos arqueológicos** que saíram do solo depois de terem sido negados; **profecias datadas e específicas** que se cumpriram como foram enunciadas; **textos nos livros dos próprios adversários**, ainda em suas mãos; e **um desafio linguístico aberto** jamais aceito. Se um fio caísse, os outros quatro continuariam de pé.

★ Por que este é um milagre decisivo?

O raciocínio aqui é o do **acúmulo de provas independentes**, que é o que se aplica tanto nos tribunais quanto na ciência. Uma prova pode ser uma possibilidade, e duas podem ser uma coincidência — mas dezenas de provas vindas de campos sem ligação entre si — astronomia, geologia, medicina, arqueologia, história e língua — todas apontando numa só direção, não se explicam pelo acaso. E o Alcorão não lhe pede submissão cega; chama você a olhar e a refletir em mais de setecentas passagens: «Não olham?», «Não refletem?», «Não raciocinam?», «Dize: trazei vossa prova.» E pôs diante de você o que prometeu: **«Mostrar-lhes-emos Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos.»** E você viu. O resto fica a você somente.